

Valeria Luiselli

Princípio

meio

fim

Tradução de Tânia Ganho



I

ÍNDICE

No princípio, eram uma mãe e uma filha. Mais tarde, perto do meio, havia outras mães e filhas, alguns homens, outras pessoas em geral. Mas, para já, somos só ela e eu, e um raio de luz entra no quarto por uma nesga entre as cortinas e a luz atravessa o ar pesado de fumo e toca na cama, descreve uma linha sinuosa nas pregas do lençol, desde os dedos dos pés dela, pelas pernas acima, barriga, peito e pescoço, e dispersa-se-lhe na cara, e ela está a dormir, e eu ponho a mão na testa dela e acordo-a delicadamente.

O MUNDO

Eu andava à procura de algo semelhante a um princípio. Estranho, porventura, pedir isso ao tempo ou à vida: a possibilidade de começar, ou de começar de novo. A única coisa que eu tinha de fazer, ou assim pensei, era responder a uma simples pergunta: como reinvento tudo, a história, as nossas vidas? Para já, seríamos só ela e eu.

FINITUDE DO MUNDO

Sentia-me desejosa de estar noutro lugar, longe dos meus velhos espaços, longe do meu momento presente. Tinha acabado de escrever um livro difícil, terminado um projeto de gravação de paisagens sonoras e histórias orais nas terras fronteiriças entre os Estados Unidos e o México, e depois passara por um divórcio lento e emaranhado. A constelação — terminar, terminar, terminar — deixara-me com a sensação de que era astronauta: em circumflutuação, encapsulada, mas em lugar nenhum ao certo.

Passaram-se semanas e meses, a incessante rotação do calendário, mas dei por mim como se estivesse sempre no mesmo lugar. Durante algum tempo depois destes finais, andei aos tropeções, de falso princípio em falso princípio. Não tinha conseguido começar a escrever nada a não ser apontamentos soltos, não tinha conseguido começar nada que me parecesse uma relação de verdade. Não tinha conseguido encontrar aquela sensação — que tanta gente descrevia — de a vida a começar de novo depois de um grande final.

UNIDADE DO MUNDO

Agora, passado quase um ano, o livro estava prestes a ser publicado em várias línguas na Europa e eu aceitara todos os convites que enviaram para a minha agência. Aliás, até pedira ao meu agente que, por favor, procurasse mais eventos, fosse o que fosse: sessões de leitura, conferências, oficinas, clubes de leitura. Um amigo meu comentou:

És como aquelas pessoas que comem tudo o que servem num avião só porque é à borla.

Tirei a minha filha da escola um pouco antes de o ano letivo terminar e inscrevi-a no ensino doméstico durante o resto do terceiro ciclo. Tinha arranjado inquilinos perfeitos de abril a setembro: um casal de medievalistas canadianos. Cuidariam das nossas plantas, pagariam a renda a horas, não me roubariam os livros.

Não respondi a esse amigo, mas durante dias, na minha cabeça, não parei de lhe dizer:

Já nada é à borla nos aviões.

FORMA DO MUNDO

Duas malas: uma cinzenta, outra verde. Deixámos a cidade no princípio da primavera. O plano original era: mudaríamos de casa e voltaríamos a mudar de casa, malas leves, horários flexíveis, até as coisas voltarem ao seu lugar. Em abril e maio, mudámo-nos a cada dois ou três dias, ficámos quase sempre em hotéis, em vilas e cidades, em leituras, palestras e congressos. Na Suíça e na Áustria, todos os leitores que vieram aos meus eventos eram septuagenários ou octogenários, o que foi simultaneamente comovente e um tudo-nada preocupante. Houve estadas breves em Lyon, Varsóvia, Istambul, Atenas, Berlim. Em Munique, tirei o **DIU**. Ela perdeu um molar dentro de uma tigela de sopa num café em Praga.

MOVIMENTO DO MUNDO

Eu observava-a com atenção, talvez com demasiada atenção, agora que éramos só ela e eu, o comportamento dela um estranho espelho da minha capacidade ou incapacidade de

a criar bem sozinha. Aonde quer que fôssemos, ela comprava obsessivamente postais antigos, rabiscava coisas neles, mas recusava-se a enviá-los. Onde quer que estivéssemos, a única coisa que ela queria era ler sozinha ou jogar xadrez comigo.

Em Berlim, tentei ensiná-la a andar de bicicleta: impossível, ela pedalava sempre para trás. Tentei não pensar nisso metaforicamente. Numa pequena vila costeira perto de Amesterdão, ficámos muito tempo na costa cinzenta de uma praia comprida a ver miúdos a nadarem de sapatos calçados. Quando as ondas se aproximavam da costa, os miúdos nadavam contra a corrente, viam-se-lhes as sapatilhas à tona, a darem pontapés curtos, rápidos e à superfície. Era uma imagem estranha e inquietante e, depois disso, a minha filha recusou-se a entrar na água.

Volvidos uns dias, em Barcelona, ela chorou, inconsolável, depois de vermos uma mulher — talvez jovem ou talvez velha, possivelmente sem-abrigo — a murmurar junto de uma parede. Tínhamos passado por ela a pé e a mulher abrira a mochila e despejara o conteúdo no passeio: um derrame de livros velhos. Pegou num deles, leu umas palavras que não percebemos, a seguir olhou para nós, apontou com o dedo, sorriu de orelha a orelha e anunciou:

Omnes fines mundi!

RAZÕES PARA O SEU NOME

O que significa começar de novo? Onde fica o princípio? Talvez as coisas nunca voltem totalmente ao seu lugar, mas quando chegou o mês de junho e terminei os meus últimos compromissos de trabalho e deposei os cheques que pude e apanhámos um avião que aterrou uma noite no aeroporto

de Catânia, tive a sensação, pela primeira vez em meses, de que finalmente chegáramos a algum lugar. Teríamos enfim oportunidade de assentar num sítio durante algum tempo.

A minha avó materna era de uma aldeia perto de Catânia. E, embora ela tenha morrido quando eu era pequena, e eu nunca tenha visitado a ilha, assim que saímos do avião senti-me nitidamente em casa: a minha casa no passado ou no futuro, não sei muito bem. Descemos as escadas de metal e, no alcatrão da pista, olhámos para o céu pejado de estrelas e ela disse:

Olha, mãe, um bocejo celeste.

Um quê?

Um bocejo celeste.

Que queres dizer com isso?

Nada, mãe, esquece.

Talvez não fosse uma sensação de estarmos em casa, mas algo semelhante a um eco de pertença: memórias emprestadas, rumores herdados. Li algures que a palavra «eco» vem do grego *oikos*, que significa «casa», e se isso for verdade, talvez «eco» e «pertença» estejam mais intimamente ligados do que seria de pensar.

OS ELEMENTOS

Era, obviamente, um plano impossível: mudar de casa até algo finalmente voltar ao seu lugar, porque, regra geral, as coisas não voltam simplesmente ao lugar. Uma ideia libertadora, um plano impossível. Pensei que acabaria por ter um plano mais claro. Mas, afinal, tivemos de mudar de casa por motivos muito diferentes dos que inicialmente nos impeliram, mas isso foi depois, e naquela altura ainda não sabíamos nada sobre isso.

II

DEUS

No táxi entre o aeroporto e o apartamento, o locutor de rádio diz que, nessa manhã, o Etna cuspiu uma coluna de cinzas e gases, mas que não havia estragos. Diz também que haverá um eclipse lunar antes de nascer o dia e que o levante em breve soprará de leste. A minha filha pergunta-me:

O que é o Etna, mãe?

Um vulcão.

É perigoso?

Não, nada, querida.

E o que é o levante?

Não sei.

Mas o taxista diz que sabe. Existem duas estirpes de taxistas: os que dizem que não sabem nada e os que sabem tudo. Explica-nos que o levante é um vento bom, um dos muitos ventos que varrem a ilha. São tantos os ventos que povoam os céus aqui, com as suas rajadas furiosas e os seus vendavais violentos, diz ele, que os Gregos pensavam que era numa das grutas ao largo desta costa que o deus Éolo albergava todos os ventos: o mistral frio e seco, bem como o gregal e o tramontana do norte; o quente áfrico e o meio-dia do sul e sudoeste, carregados de tempestades e vagas costeiras; o ponente ocidental, que os marinheiros aguardam

com ânsia, pois traz céus limpos, águas paradas e partidas céleres; o siroco escaldante e brutal de sudeste, que carrega areias do Saara, torna o céu vermelho ou laranja e deixa as pessoas irritadas, ansiosas ou loucas. E, por fim, este levante suave, vibrante e húmido que vem de leste e transforma o mar num azul muito mais escuro, atenua o calor seco e, por vezes, traz chuva. É o preferido dos marinheiros, termina ele com um entusiasmo quase lírico, porque os empurra para o mar alto com rajadas rápidas e suaves vindas da popa.

Parece um bom auspício, penso, chegar com o levante. Ou estarei eu confusa e uma rajada vinda da popa é um bom vento para partir e não para chegar? Seja como for, talvez nesta ilha, neste verão, ela e eu tenhamos finalmente um verdadeiro princípio. Só temos de arranjar uma rotina, um quotidiano consistente: tenho de encontrar o caminho para uma nova forma de maternidade, e talvez até um caminho de volta à escrita, talvez transformar os meus apontamentos em alguma coisa de concreto e acabar um livro.

OS PLANETAS

Ela faz perguntas, pelo que, durante o resto do trajeto de carro até ao apartamento, lhe conto coisas de que me recordo acerca da minha avó, a sua bisavó: tratávamo-la por Nanna; fumava um maço e meio de cigarros *Camel* por dia desde os doze anos; tinha o pavio curto, mas também um carinho enorme e um sentido de humor apurado; nasceu num lugar chamado Philosophiana; era agricultora e colecionava objetos antigos que encontrava enterrados nos campos; vestiu-se como um homem quando tinha vinte e um anos para que a contratassem ao dia em escavações arqueológicas

perto de casa, participou em importantes achados, mas, depois, apanharam-na a travestir-se e despediram-na, e ela decidiu emigrar; aprendeu a ler e a escrever a bordo do navio, e tornou-se uma leitora voraz; sobreviveu a um naufrágio, acreditava na sorte e era extremamente supersticiosa; era inconvenientemente bonita, com uma pele morena, caracóis revoltos e uns dentes desastrosos; gostava de se gabar de que tinha olhos botticelianos amarelos-lua; jogava muito xadrez, era uma péssima cozinheira, adorava futebol, lançava prodigamente insultos a condutores agressivos, *cretino deficiente*, homens pouco cavalheiros, *cretino deficiente*, e políticos na televisão, *cretino deficiente del cazzo*. Perdeu a memória na casa dos setenta. Morreu num manicómio, na Cidade do México, na década de 1980.

NATUREZA DOS PLANETAS

A minha filha e eu partilhamos várias coisas em comum com ela: os dentes maus, o amor ao xadrez e aos livros, as superstições: nunca passar o saleiro diretamente de mão em mão sem antes o pousar numa superfície, evitar fitar nos olhos o nosso reflexo numa janela, se lá fora estiver a chover, fazer um desejo as 11h11 da manhã e às 11h11 da noite. Herdei a paixão pela nicotina e a paixão pelo futebol. A minha filha tem a beleza dela, a sua juba invejável, os seus caracóis indomáveis, e os olhos botticelianos, um pouco mais escuros do que os da minha avó, cor de xarope de açúcar. Talvez todas essas pequenas coisas possam ser consideradas ecos de uma pessoa, no sentido de repetição e reverberação, mas também no sentido de os nossos corpos e mentes serem espaços físicos onde os vestígios de quem nos precedeu ainda perduram e subsistem.

ECLIPSES SOLARES

Plano, premissa, enredo*: porque é que a linguagem da escrita de ficção está tão cheia de termos imobiliários? Piazza Manganelli, 16, uma entrada em arco barroco emoldurado por pilastras com querubins de pedra, e ornamentos, uma pesada porta de madeira, um pátio interior, subindo umas escadas de mármore, primeiro andar, chaves debaixo do capacho, apartamento número 2.

O apartamento pertence a um conhecido meu, um amigo, um homem. É pianista e ia andar em digressão até ao fim do mês, disse que deixaria as chaves debaixo do capacho e queria que nos sentíssemos em casa. Ele voltaria no início de julho e podíamos ficar em sua casa o tempo que quiséssemos.

Ele e eu tínhamo-nos conhecido havia quase um ano, quando ele dera uma série de concertos em Nova Iorque. Tivemos um encontro breve e febril pouco depois do divórcio e continuámos em contacto quase diário nestes últimos meses, escrevendo um ao outro, por vezes falando ao telefone a horas absurdas do dia ou da noite, conversando basicamente sobre divórcios (ele já se divorciara duas vezes, pelo que tinha conselhos para dar), conversando sobre filhos (ele não tinha filhos, portanto, da parte dele, essas conversas eram basicamente especulativas), conversando sobre os concertos dele, e os meus projetos, conversando sobre os nossos planos, os dele e os meus, em separado, mas também planos eventuais para nos encontrarmos novamente um dia, no futuro, quem sabe.

* No original em inglês, *plan*, *premise*, *plot* também se podem traduzir por «planta, local, lote».

ECLIPSES LUNARES

No vestíbulo, deixamos os sapatos, as duas malas, a mochila e a pasta. Dirigimo-nos de imediato para a cozinha e sentamo-nos a uma grande mesa de madeira, à espera que a água ferva numa panela mínima, a única que encontrei, para fazer uma massa rápida com manteiga e salva que colhemos de um vaso na varanda da cozinha. A minha mãe escreve a perguntar se chegámos bem. Sempre que a minha mãe manda uma mensagem, parece que está a enviar um horóscopo e, ao mesmo tempo, o boletim meteorológico, e por vezes assina-a no fim com o nome e «mãe», como se eu não a tivesse guardado nos meus contactos, como se estivesse a enviar um fax de um posto público. Nesta mensagem, confirma e redobra o que o locutor de rádio disse, só que nas palavras dela as previsões parecem agoirentas:

Eclipse penumbral. ¡Vienen tormentas! Tiempos de cambio. Besos, Mamá, Manuela.

Já não tão convicta de que um eclipse penumbral seguido de tempestades seja um bom auspício, seguimos as instruções da minha mãe, não vá o diabo tecê-las, e tiramos três dentes de alho de umas cabeças que estão penduradas ao lado do fogão e, depois, plantamo-las com os polegares esquerdos, ao luar, num vaso de rosmaninho moribundo na varanda da cozinha.

A NOITE

Dois quartos, um grande e um mais pequeno, em pontas opostas da sala, cada um com a sua própria casa de banho. A minha filha arrasta a sua mala verde para o quarto mais

pequeno e eu empurro a minha mala cinzenta com rodinhas para o maior.

A minha mala em cima da cama e a lenta coreografia de arrumar as coisas. Aqui, no quarto dele, não desfaço a mala como costume, despejando todas as roupas da mala para a cama e, a seguir, triando-as com vagar. Aqui, no quarto dele, tento desfazer a mala como se fosse ele, o pianista, a arrumar as coisas depois de uma viagem: um homem de métodos e rotinas. Tiro uma peça de cada vez, da mala para o armário, da mala para o armário.

Há um conto de Antonio di Benedetto intitulado «O abandono e a passividade», sobre uma mulher que abandona um homem, mas nunca vemos a mulher e nunca vemos o homem, só uma mala a sair de um quarto e um copo de água na mesa de cabeceira, e um bilhete pousado debaixo do copo e que nunca chegamos a ler. A única coisa que existe no conto é o quarto que ficou para trás e nunca nenhum ser vivo. A não ser, a meio do conto, uma mosca, que aparece de repente e o narrador diz: «Legitimada pela inércia, uma mosca vai de sol a sol, de sol a sol, mas só duas vezes.» Nunca percebi esta frase. Uma mosca que vive vinte e quatro horas? Ou quarenta e oito? Ou algo completamente diferente acerca do padrão de voo de uma mosca?

Os objetos silenciosos no armário dele parecem selecionados e pontuados pela mão temperada do método: sapatos, calças, cintos, camisas, gravatas, casacos, umas quantas *T-shirts*. Penduro e dobro as minhas camisas e calças e vestidos compridos ao lado das coisas dele. As dele: todas pretas ou azul-marinhas. As minhas: um caos de cores. Um dos meus vestidos está pendurado ao lado de um dos casacos dele. Suspensos, pairam juntos numa espécie de estranha dança fantasmagórica: um encontro *in absentia*.

**Mãe e filha estão em viagem pela Sicília.
 É um verão de ventos intensos, erupções
 vulcânicas, tempestades repentinas.
 Como se recomeça, quando se falhou o princípio?**

«Vivemos como se a paisagem e a geografia fossem o pano de fundo no qual se desenrolam as histórias humanas, mas a verdade é que as nossas pequenas histórias são apenas um ténue fundo para a tragicomédia muito mais vasta da história natural.»

As duas têm um plano: pouca bagagem — uma mala cinzenta e outra verde — e continuar em marcha até que cada coisa reencontre o seu lugar. É verão, a mãe divorciou-se, a filha adolescente está à procura de si. Os dias na ilha desfiam-se à sombra do Etna e por entre a música de mercados de peixe, sinos de igrejas, o piano de uma casa que não é a delas, vozes de mulheres que transmitem a memória como quem passa uma lamparina no escuro. A filha aguça a sua curiosidade por uma bisavó que trabalhou clandestina numa escavação arqueológica, antes de emigrar para as Américas. A mãe quer ocupar todos os lugares que imagina para si — o cuidado, a criação, o desejo —, e procura impossivelmente distender o tempo.

Das conversas entre mãe e filha, emerge a questão que inflama esta história: como se reinventa a vida? *Princípio, meio, fim* é uma escavação do tempo, é um percurso por origens familiares e míticas, é um vislumbre do futuro que junta para sempre netas e avós, escrita e memória. Um romance cintilante, talvez perfeito, que compõe uma ode a essa força que dá sentido à nossa fugaz passagem pelo mundo: a imaginação.



**«Este livro é um animal do futuro, com cinco corações pulsando
 em simultâneo: filha, mãe, avó, bisavó e leitor.»**

Sempre que um dos corações acelera, toca todos os outros.»

SAMANTA SCHWEBLIN

«Estruturalmente magistral. Distende o espírito e o coração.»

The Guardian

**«Um romance que nasce como um clássico e se instala nas narrativas
 do fim do mundo com enorme ambição literária e o desejo de nos contar
 quem fomos e quem somos, sem querer dizer-nos quem seremos.»**

El País

AUTORA DISTINGUIDA COM:

**INTERNATIONAL DUBLIN LITERARY AWARD ★ FOLIO PRIZE ★ AMERICAN
 BOOK AWARD ★ PREMIO MONDELLO ★ LOS ANGELES TIMES BOOK PRIZE**



Penguin
 Random House
 Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-447-5



9 789895 894475